



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 10 – Informação e Memória

MEMÓRIA, OBJETO, PERMANÊNCIA: A VIDA SOCIAL DAS MÁQUINAS DE ESCREVER

MEMORY, OBJECT, PERMANENCE: THE SOCIAL LIFE OF TYPEWRITERS

Ana Amélia Lage Martins – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este trabalho, localizado na interseção entre a Memória Social, a Ciência da Informação e a Antropologia Material, objetiva indicar e discutir alguns elementos que delineiam hoje uma nova etapa na “vida social” das máquinas de escrever. A partir de uma breve perspectiva da história das máquinas de escrever, fundamentada em pesquisa de natureza bibliográfica, apresenta seus “ciclos de vida”, destacando as práticas colecionistas e experiências culturais que dão permanência a estes objetos analógicos de memória em meio às sociedades que ostensivamente digitalizam-se.

Palavras-chave: máquinas de escrever; biografia dos objetos; ciclo de vida dos objetos

Abstract: This work, located at the intersection between Social Memory, Information Science and Material Anthropology, aims to indicate and discuss some elements that today outline a new stage in the “social life” of typewriters. From a brief historical perspective of typewriters, based on bibliographical research, it presents their “life cycles” and highlights the collecting practices and aesthetic-political experiences that give permanence to these memory analogical objects, in the midst of societies which are ostensibly digitized.

Keywords: typewriter; object biographies; object life cycle

1 INTRODUÇÃO

As máquinas de escrever representam um ponto de inflexão fundamental na história das práticas de escrita, já que transformaram substancialmente as formas de registro da informação

em diferentes atividades - laborais, artísticas, acadêmicas e pessoais - alterando mesmo o modo como a mão que escrevia relacionava-se com o corpo e a consciência (Martins; Bertol, 2019).

A difusão da escrita por meio de máquinas imprimiu maior velocidade à produção de documentos e textos, que passaram a ser registrados por uma tecnologia que conferia uniformidade aos caracteres, sendo decisiva para alterações profundas no fluxo da comunicação, que se tornou mais ágil para atender às exigências da produção capitalista.

Desde o início de sua comercialização, em 1880, as máquinas de datilografar se tornaram indispensáveis na guerra, no comércio, nas indústrias, nas repartições públicas, nas universidades e eram frequentes no cotidiano de jornalistas, escritores e outros profissionais, estando mais tarde presente em muitos lares¹. Um século depois, a partir de 1980, inicia-se em todo o mundo um processo de sua substituição massiva pelos computadores, que difundiram os editores eletrônicos de textos, fato que rapidamente alçou esta tecnologia ao rol das “obsoletas” (Lyons, 2023).

Como é próprio às tecnologias, às coisas e aos objetos que, de algum modo, permanecem nas sociedades que os produziu -ainda que como vestígio, memória e resto (Debary, 2017)- as máquinas de escrever podem ser hoje, em diferentes lugares do mundo, tanto tecnologias esquecidas em armários de famílias ou depósitos de repartições públicas quanto equipamentos em pleno uso², objetos amplamente comercializados, colecionados, relíquias para pessoas que as incorporam às suas vidas e, a partir delas, produzem sentidos para o mundo e para si.

Assim como acontece com discos de vinil, dvd's e outras tecnologias que paulatinamente foram perdendo espaço para as formas digitais, nota-se hoje um interesse crescente por estes objetos analógicos, o que impulsiona práticas colecionistas e um renovado mercado de trocas, restauro e comercialização de máquinas, além de práticas culturais que evocam as potencialidades estéticas e políticas deste instrumento.

A partir de uma breve perspectiva histórica, este o trabalho discute a etapa atual da “vida social” das máquinas de escrever, indicando como as práticas colecionistas e as experiências artístico-culturais mantêm “vivos” estes equipamentos de escrita. Decorrente de pesquisa

¹ Inicialmente nas classes alta e média e posteriormente também nas classes populares.

² Como pode ser visto na Índia, que ainda mantém forte a tradição da datilografia.

atualmente em curso, realizada na interseção entre a Memória Social, a Ciência da Informação e a Antropologia Material, objetiva-se pensar a permanência/impermanência destes artefatos analógicos em meio às sociedades que ostensivamente digitalizam-se, percebendo como delineia-se uma nova etapa na “biografia cultural” das máquinas de escrever.

2 BREVE HISTÓRIA DA MÁQUINA DE ESCRIVER

Ainda que a gênese da máquina de escrever possa ser reconstruída desde a criação dos primeiros instrumentos para a fixação da palavra, a história desta forma tecnológica remonta, marcadamente, os séculos XVIII e XIX, quando inúmeras iniciativas vindas de diferentes lugares do mundo tornaram possível a sua criação.

Invenção atribuída frequentemente ao engenheiro inglês Henry Mill, cuja patente lhe fora concedida pela rainha Ana da Grã-Bretanha, em 1714, mas que nunca chegou a realizá-la, as máquinas de escrever estão ligadas a tentativas de invenção de uma tecnologia a partir da qual pessoas cegas pudessem se comunicar e ao crescente e acelerado processo de industrialização e expansão do comércio que exigia o desenvolvimento de uma tecnologia ágil de registro da informação, sobretudo a partir do século XIX.

Oficialmente, a primeira máquina de escrever que efetivamente operou como tal³, em 1867, é atribuída ao tipógrafo norte-americano Christopher Latham Sholes. Juntamente de Carlos Glidden e Samuel W. Soule, Sholes viabilizou, em 1873, por meio da fábrica de armas Remington e da parceria comercial com James Dansmore, a produção em escala industrial do primeiro artefato para a escrita mecânica. Embora Sholes seja amplamente reconhecido como o “pai” da máquina de escrever e da criação do longo teclado QWERTY, a autoria intelectual da *typewriter* é marcada por controvérsias, assim como acontece frequentemente no universo da invenção e da propriedade intelectual registrada”⁴.

³ “Uma máquina ou método artificial para a impressão ou transcrever as letras uma a uma ou progressivamente uma após a outra, como na escrita, por meio da qual todos os escritos podem ser redigidos em papel ou pergaminho tão puro quanto exatos que não se distinguem da impressão”, conforme descrito no documento de patente concedido a Mill (Polt, 2015).

⁴ Dentre elas, uma está relacionada à posição ocupada nesta história por um brasileiro, o padre paraibano Francisco João de Azevedo que, em 1861, inventou uma “máquina taquigráfica”. A máquina, projetada para o registro de discursos de maneira ágil, consistia em um móvel de jacarandá

Não obstante versões que tornam ainda mais interessante a história desta tecnologia, fato é que a máquina de escrever disseminou-se rapidamente. Inúmeros foram os tipos e modelos de máquinas de datilografar que habitaram o cotidiano de pessoas em todo o mundo. Remington (EUA), Underwood (EUA), Imperial (Inglaterra), Royal (EUA), Smith-Corona (EUA), Olympia (Alemanha), Hermes (Suíça), Olivetti (Itália), Adler (Alemanha), Facit (Suécia) são apenas algumas das principais marcas de máquinas de escrever do Ocidente amplamente conhecidas e utilizadas ao longo do tempo.

Se, por um lado, no universo do trabalho burocrático e no mundo dos negócios, onde não imperava a “escrita criativa”, a máquina de escrever foi rapidamente incorporada, seu uso dividiu escritores de literatura. Enquanto alguns viam na adoção da nova tecnologia um processo de mecanização da escrita que impedia a expressão da voz individual, a “alma do artista”, outros percebiam as suas potencialidades, compreendendo que seu uso “no enajenaba al autor individual respecto de su esencia humana, sino que la completaba y concretaba (Lyons, 2023, posição 322).

Em sua recente pesquisa sobre “O Século da Máquina de Escrever”, o historiador da escrita Martyn Lyons (2023) aprofunda-se no universo de escritores, canônicos ou não, que refletiram sobre o uso da tecnologia, investigando como a máquina de escrever foi percebida e conceituada por eles e como ela pode ter influenciado a forma como criavam. No campo da literatura, Mark Twain é reconhecidamente o autor da primeira obra literária datilografada, *Life in Mississippi*, publicada em 1880. T. S. Eliot, Ezra Pound, E. E. Cummings mantiveram uma relação estreita com a tecnologia. Suas percepções sobre o artefato fizeram coro com os poetas modernistas que, de maneira geral, eram entusiastas do ruidoso aparelho de escrita, quando: “insistían em que la poesía era sonido, y la máquina de escribir los ayudó a abordar nuevas formas de articular las percepciones verbales, visuales y auditivas” (Lyons, 2023, p. 406). Segundo Lyons (2023), a máquina desempenhou neste universo uma mediação fundamental entre a criação e a

assemelhado a um piano, equipado com teclado de dezesseis tipos e um pedal, construído para que cada tecla da máquina acionasse uma haste comprida com uma letra na ponta, conforme descrito pelo próprio Azevedo no documento *Esclarecimentos sobre Machina Tachygraphica*, de 1861, constante no acervo da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/427616>.

execução e contribuiu para que o elemento físico da composição poética fora ressaltado, pois permitia explorar os efeitos tipográficos e experimentar diferentes *layouts* dos poemas, concebidos como objetos concretos. Na prosa, Jack Kerouac, Enid Blynton e Ernest Hemingay, dentre muitos outros, são casos emblemáticos de autores que mantiveram uma relação íntima com as máquinas de escrever, incorporando-as essencialmente à sua criação⁵.

As implicações entre as máquinas de escrever e a configuração de uma nova dinâmica produtiva no final do século XIX são evidentes. Isto porque a escrita mecânica, ao permitir a padronização do registro e imprimir maior agilidade na produção e na comunicação de documentos, possibilitou uma aceleração substancial do fluxo de trabalho, o que foi fundamental para a expansão do capitalismo no contexto de uma “Segunda Revolução Industrial”.

Este fato está diretamente ligado com a ocupação de novos espaços no mercado de trabalho, sobretudo nos escritórios, pelas mulheres no começo do século XX. É notável deste processo o surgimento de uma nova categoria profissional que ilustrou no imaginário coletivo a figura da “mulher moderna”: a datilógrafa.

Ainda que a função de datilógrafa, que geralmente não previa ascensão dentro uma carreira, tivesse sido relegada “às fileiras do proletariado secretarial” (Leys, 2023, posição 1348), ela proporcionou a milhares de trabalhadoras maiores oportunidades de independência econômica e mobilidade social.

Representada frequentemente ao lado do jazz e das metralhadoras como ícones sonoros do início do século XX (Leys, 2023), as máquinas de escrever estiveram relacionadas a transformações significativas que envolvem não apenas a economia dos textos e da escrita atravessando práticas sociais, políticas culturais mais amplas. Neste sentido, é possível afirmar que:

no se trató tan solo de una revolución tecnológica en los medios de transmisión de información: luego sobrevinieron también consecuencias sociales, económicas y culturales. Fue una herramienta de control imperial que dio forma al archivo imperial y facilitó la administración de las colonias. El advenimiento de

⁵ O escritor *beatnik* Jack Kerouac é um dos casos mais expressivos de uma relação intensa com as máquinas de escrever na criação literária. Desenvolvendo uma técnica de escrita que utilizava-se de um rolo contínuo de papel, em vez de folhas individuais, Kerouac ressaltava a influência necessária desta tecnologia em sua composição, ao proporcionar um fluxo de escrita que seguia o ritmo de sua consciência (Lyons, 2023).

la máquina de escribir trazó nuevos límites en la división del trabajo entre hombres y mujeres, transformó el funcionamiento de las empresas capitalistas y modificó prácticas culturales tradicionales, especialmente en el campo de la literatura (Leys, 2023, posição 1338).

A partir de 1980, a substituição das máquinas de datilografar pelos computadores levou-as para uma nova etapa em seu “ciclo de vida”, na acepção que faz Kopytoff (2008). Retiradas das funções utilitárias que usualmente lhes cabiam para dar lugar às máquinas digitais, estes objetos passaram a ser percebidos como tecnologias ultrapassadas e pouco eficientes⁶. Ao mesmo tempo, as máquinas de escrever passaram a ser lembradas e (re)valorizadas, incorporadas em novos circuitos e esferas de trocas.

3 CICLOS DE VIDA DAS MÁQUINAS DE ESCRIVER

Assim como as pessoas, os objetos também têm histórias de vida e passam por distintas fases, que se sobrepõem umas às outras. Eles nascem quando são produzidos, têm uma “idade útil” em que são usados, podem se tornar obsoletos e, finalmente, podem ser descartados e reciclados. Este é o argumento central da abordagem de Igor Kopytoff (2008) acerca da “biografia cultural das coisas”, marco para os estudos da Antropologia Material desde as últimas décadas do século XX.

Como acontece com as pessoas, a história de vida de uma máquina de escrever constitui-se pelas inúmeras condições e determinações materiais concretas, ou seja, pelas múltiplas mediações que atravessam a existência de um objeto singular e único, tais como: o espaço e o tempo de origem, sua inscrição em uma série histórica, seus elementos técnicos, sua valorização econômica e simbólica, os lugares por onde circulou, os atores que lhes possuiu, as práticas sociais e culturais que ensejaram etc. Por esta perspectiva, a história de cada máquina é singular e sua “vida” individual.

No entanto, é possível perceber pontos em comum que definem a trajetória biográfica das máquinas quando vistas dentro de uma particularidade histórica, ou seja, delimitando-se um

⁶ Cumpre lembrar que ao mesmo tempo em que as máquinas começam a “desaparecer” esvazia-se também o ofício do mecanógrafo, muito requisitado quando este instrumento era peça fundamental de escritórios, indústrias e repartições, hoje em dia uma profissão rara.

recorte tempo-espacial. Neste sentido, poderíamos pensar em “fases” de vida das máquinas de escrever no Ocidente, aqui de maneira muito esquematicamente descritas.

1873-1920: Início da escrita mecânica. As máquinas de escrever começam a ser comercializadas e popularizam-se, encarnando a ideia de triunfo tecnológico e progresso da modernidade. A década de 1890 foi marcada por ampliação da diversidade, com centenas de patentes registradas e dezenas de empresas, em sua maioria americanas, que competiam por uma fatia do mercado em crescimento (Polt, 2015).

1920-1950: Auge da popularidade, com o florescimento das indústrias e o desenvolvimento de inovações, tais como teclas maiúsculas e minúsculas e os modelos portáteis, projetadas para um público de estudantes, jornalistas, viajantes e donas de casa.

1950-1970: As máquinas de escrever estavam em pleno uso. Das redações de jornais, universidades, escritórios e repartições ao universo da cultura escrita informal, como nos fanzines e os panfletos políticos. Multiplicam-se cursos de datilografia, tornam-se populares campeonatos de digitação. Período de desconcentração da produção, com fábricas europeias e norte-americanas se espalhando pelo “terceiro mundo”. No Brasil se instalam a americana Remington, no Rio de Janeiro, em 1948, a sueca Facit, em Juiz de Fora, em 1955, e a italiana Olivetti, em São Paulo, em 1959. A década de 1970 é marcada pelo surgimento das máquinas elétricas.

1980-2000: Declínio e obsolescência. A adoção ampliada de *softwares* de processamento de texto levou ao declínio da produção, comercialização e uso das máquinas de escrever. Período de encerramento e reorientação das atividades das fábricas. A partir de 1980, as máquinas vão se convertendo mais sistematicamente em objetos de memória.

2000-2023: Encerramento da produção e ressurgimento. Em 2011, a última fabricante de máquinas de escrever, a indiana Godrej & Boyce⁷ anunciou que não as produziria mais. Com o amplo desenvolvimento de tecnologias de informação e comunicação, as máquinas se tornam itens nostálgicos e seu interesse como objetos colecionáveis cresce, inserindo-as em novos circuitos de mercadorias e de práticas.

⁷ Na década de 90, quando as máquinas de escrever já não eram mais produzidas no Ocidente, a Godrej & Boyce ainda vendia cerca de 50 mil unidades por ano.

Olhar para as máquinas de escrever é um empreendimento conceitualmente complexo que exige a consideração de suas variadas dimensões: a) como *forma* tecnológica; b) como *mercadoria* que objetiva em si valores de troca e uso; c) como *instrumentos* do trabalho que produz valor; d) como restos (Debary, 2017); d) como *objeto* de memória, ou *semióforos*, na acepção que faz Pomian (1984).

Tendo em vista que este trabalho se ocupa em pensar a atual etapa da vida social das máquinas de escrever, iniciada a partir do fim do século XX, as compreendemos conceitualmente como objetos, já que elas foram “libertas” da sua função eminentemente utilitária em um contexto em que os processadores digitais de textos ocuparam a sua função. Ao se incorporarem às práticas colecionistas e às práticas culturais e artísticas de modo desvinculado da lógica produtiva capitalista, as máquinas ganham uma função de semióforos (Pomian, 1984), objetos que adquirem [novos] significados ao serem inseridos nas relações entre dois ou mais agentes, investidos de uma força simbólica que, ultrapassando a sua dimensão material, ligam o visível ao invisível, o ausente ao presente, ou, ainda, de “objetos biográficos” (Morin, 1969), aqueles que se incorporam à vida das pessoas e estão intrinsecamente ligados às suas histórias, identidades e experiências.

Os objetos podem carregar significados culturais e sociais em permanente transformação à medida que circulam e se integram a circuitos específicos. Eles são incorporados à vida cotidiana, às biografias humanas e às práticas culturais e contribuem para a compreensão mais ampla das culturas e sociedades em que estão inseridos. O “sistema dos objetos” (Baudrillard, 2012) desempenha, assim, uma função mediadora histórica e ontológica fundamental em diferentes sistemas sociais.

Rompendo com uma tradição que os olhava sobretudo pela perspectiva da fetichização e da alienação do consumismo, Appadurai e Kopytoff inauguram uma via importante no campo da Antropologia Material para a compreensão de como o valor de um objeto é influenciado pelas práticas de consumo, uso, troca e pelas narrativas que os acompanham.

Assim, a natureza de “mercadoria” não é uma essência necessária dos objetos, mas um estágio em seu ciclo de vida. Neste sentido, compreender as fases de vida de um objeto implica

em considerá-lo em distintas esferas de uso e troca, em que os processos de mercantilização e singularização conflituosamente interpenetram-se.

Podemos identificar dois universos de práticas hoje realizadas em torno das máquinas de escrever que contribuem para a revalorização destes objetos, modulando-lhes uma etapa atual de suas vidas: o colecionismo e as práticas culturais de caráter estético e político.

4 O COLECIONISMO DE MÁQUINAS DE ESCRIVER

O colecionismo⁸ de máquinas de escrever, como todo colecionismo, é um fenômeno cultural complexo que envolve aspectos históricos, cognitivos, sociais, materiais, comunicacionais, simbólicos, estéticos e subjetivos e que, embora exista há muitos anos, tem se ampliado em meio à intensa digitalização da vida.

Em uma rápida procura pela Internet, podem ser encontradas dezenas de sites, *blogs* e comunidades *online* em diversas partes do mundo, além de canais de comercialização, guias, periódicos e fontes de informação especializados para colecionadores, o que revela ser este um segmento consolidado. Reunindo pessoas de perfis variados, os colecionadores de máquinas de escrever, que muitas vezes se inserem em extensas redes de trocas de experiências, informações e objetos, não são, necessariamente, “ludistas” do tempo presente (Leys, 2023) ou *tecnóforos* inimigos da vida digital. Com perfil etário, nível de escolaridade, classe social e interesses plurais, os colecionadores e as colecionadoras de máquinas de escrever, como pressupõe o público de integrantes de comunidades *online*, tais como a *Antique Typewriter Collectors*, existente desde 2007 e que reúne hoje 32 mil membros, são diversos e não podem ser vistos de uma perspectiva homogênea, ainda que seja recorrente a presença de pessoas que de algum modo se relacionam

⁸ De maneira geral, o colecionismo de objetos, o “hábito de juntar ‘coisas’ que possuem propriedades ou características comuns e que servem para conhecer o mundo” (Lopes, 2010, p.382), pode ser compreendido como uma prática existente desde sempre em todas as civilizações. Ela está relacionada ao próprio movimento de cognoscibilidade da realidade, já que foi coletando e colecionando que os homens produziram ordenação e classificação para o mundo (Marshall, 2005). Assim, como mediação ontológica, o colecionismo é categoria histórica, constitutiva e constituinte de todas as civilizações (Pomian, 1984, Benjamin, 1995; Pearce, 2013; Gonçalves, 2005; Melo, 2018) e intervém de maneira ativa nos ciclos de vida dos objetos e das pessoas. O entendimento do que é uma coleção e dos motivos pelos quais indivíduos, grupos e Nações colecionam mobiliza diferentes campos do saber e se modificou ao longo do tempo.

com a escrita, como escritores, estudantes e jornalistas. Alguns se interessam por máquinas raras, enquanto outros colecionam modelos que lhes agradam, sejam eles raros ou não. Alguns já tiveram contato com as máquinas no passado, enquanto outros, mais jovens, conheceram o objeto já em sua fase “obsoleta”. Enquanto em alguns países do mundo a tradição de colecionar máquinas de escrever está estabelecida há muitos anos, como nos EUA, em outros países, como no Brasil, trata-se de uma prática menos frequente sobre a qual não se produziram pesquisas ou mapeamentos sistemáticos. A existência de revistas especializadas, como as norte-americanas *ETCetera* e a *Typewriter Exchange*, e as associações de colecionadores⁹, além de guias, como o *Collector's Guide to Antique Typewriters* e a base de dados especializadas *The Typewriter Database*¹⁰, que oferece informações sobre números de série de milhares máquinas, são representativos de como o colecionismo de máquinas pelo mundo é forte o suficiente para ganhar densidade institucional.

A evocação de memórias que promove o objeto é um ponto comum às diversas práticas colecionistas. É a memória que confere um valor afetivo fundado em uma conexão com “a perda, com resquícios de uma vida vivida, encerrada num passado que ao ser vivido se foi, é finito, acabado, mas que não tem limites (nem fim) se e quando é rememorado” (Melo, 2018, p. 17).

Assim, o colecionismo de máquinas pode ser visto como “a parte mais visível de um processo de construção e desconstrução da memória” (Melo, 2018, p. 43), forma de produzir conhecimento sobre o mundo e “território de construção subjetiva” (Lopes, 2010; Melo, 2018), “criação e relação encantada com as coisas” (Melo, 2018), ou mesmo um modo de narrar com objetos (Melo, 2018).

⁹ Tais como a norte-americana *Early Typewriter Collectors Association*, a alemã *Internationales Forum Historische Bürowelt*- IFHB, a francesa *Association Nationale des Collectionneurs de Machines à Écrire et à Calculer Mécaniques*- ANCMCA e a italiana *Associazione Italiana collezionisti macchine per ufficio in genere d'epoca*. Algumas, como o Fórum Internacional do Mundo do Escritório Histórico (*Internationales Forum Historische Bürowelt*), existente desde 1981, é dedicado a reunir colecionadores máquinas de escrever e outras tecnologias de escritório, como máquinas calculadoras.

¹⁰ <https://typewriterdatabase.com>

5 A REVOLUÇÃO DA MÁQUINA DE ESCREVER

Ao conjunto de práticas que dão permanência às máquinas de escrever em meio ao “paradigma informacional” Richard Polt, colecionador, pesquisador e grande entusiasta do universo da datilografia, denomina *A Revolução da Máquina de Escrever*¹¹. Trata-se de iniciativas variadas em diversas partes do mundo, tanto individuais (coleccionismo) quanto coletivas, que mantêm vivos estes objetos analógicos e ressaltam o potencial expressivo e cultural das máquinas de escrever.

A máquina de escrever se recuperou de sua experiência de quase morte, graças às pessoas que usam e amam essa máquina. Quem são esses datilógrafos do século XXI? Eles são de todas as idades e grupos; falam diferentes idiomas e exercem muitas profissões. Mas algo os une: o amor pelas máquinas de escrever e a vontade de nadar contra a maré. Chame-os de insurgência da máquina de escrever - a vanguarda da revolução da datilografia (Polt, 2015, p. 8, tradução da autora).

Além de se integrarem às inúmeras coleções particulares, as máquinas de escrever podem ser vistas hoje em um campo de experimentação que propõe uma revalorização do durável, da espontaneidade da escrita e dos encontros e questiona a intensa aceleração, vigilância e distração a que estamos, nas “sociedades da informação”, constantemente submetidos.

Os *type-ins*, como são conhecidas as reuniões públicas de apreciadores de máquinas, é um exemplo disso. Movimento cultural emergente, um “conceito ainda em evolução” (Polt, 2015, p. 22) os *type-ins* começaram a acontecer em Phoenix, Tacoma e Los Angeles e hoje podem ser vistos, dentre outros, na Suíça, Austrália, Buenos Aires, Holanda, Estônia, México e Coreia do Sul. Sem um formato definido, mas sempre acontecendo em público, os *type-ins* não são eventos pensados para reunir especialistas ou exibir coleções de máquinas de escrever. Sua intenção é proporcionar encontros em torno das máquinas e reposicioná-las publicamente na vida cotidiana, afirmando que a datilografia tem algo a oferecer no século XXI (Polt, 2015). Eles são um convite para as pessoas se relacionarem de um modo mais livre e mais concentrado com a escrita em

¹¹ Richard Polt publicou um manifesto, hoje traduzido para mais de vinte línguas em que, dentre outros, afirma-se “nosso direito de resistir ao Paradigma, de nos rebelar contra o Regime de Informação, de escapar do Fluxo de Dados” <https://typewriterrevolution.com/the-typewriter-manifesto/>

uma máquina que, ao contrário dos computadores atuais, não te “empurra” o conteúdo, mas, sobretudo, o “extrai” de você (Polt, 2015).

Interagindo com o mundo digital “sem ser definido por ele” (Polt, 2015, p. 10), há intensa divulgação e troca de datiloscritos feita a partir do *typcasting*, uma prática que ganhou muita popularidade desde o início dos *blogs* e que consiste em carregar páginas datilografadas para compartilhamento *online*. No mundo virtual, a produção dos amantes de máquinas de escrever é conhecida como *tiposfera*.

Presente em obras artísticas e movimentos contraculturais que exploram e convocam outros modos de vivenciar o tempo, a máquina da escrever não é um objeto propriamente de evocação ou fetichização do passado, mas de concentração no presente. Isto explica a conexão das máquinas de escrever hoje a movimentos do tipo *slow*, como o que se viu na gastronomia¹². Embora possa ser, como outros movimentos, capturado pela lógica do capitalismo, a filosofia *slow* propõe a desaceleração, a valorização das tradições locais e faz um apelo ao durável ante ao descartável e ao perene ante ao efêmero.

É neste sentido que a escrita de cartas também mobiliza um público entusiasmado de pessoas que mantêm viva a tradição de se comunicar por via postal, um modo lento e artesanal de comunicação, que “celebra o próprio ato de comunicar, [...] um canto da expressão humana que ainda resiste à vigilância” (Polt, 2015, p. 338). Além do âmbito privado, a escrita de cartas à máquina tem sido estimulada em bibliotecas e museus, a partir da realização de oficinas e outras atividades de mediação, tais como realizadas em 2024 pelo Museu da Língua Portuguesa¹³.

Um dos mais expressivos campos de experimentação com as máquinas de escrever é a poesia de rua. Já tradicional na cultura popular, os poetas que levam a palavra escrita para o espaço público e improvisam, resgataram há alguns anos as máquinas de escrever. Em plena atividade, a *Typewriter Rodeo* é um pequeno grupo de escritores de Austin, Texas, que cria poemas à máquina personalizados para o público desde 2013 e que profissionalizou a sua ação. No Brasil,

¹² O *Slow food* é um movimento cujo objetivo é desenvolver uma participação mais consciente e apreciativa no processo alimentar, de modo que cozinhar e comer não sejam apenas meios para atingir um fim (energia ou satisfação), mas atividades a serem cultivadas e saboreadas em um tempo desacelerado.

¹³ Parte do projeto de escrita “DePara”, um método de letramento promovido pelo Museu a partir da escrita de cartas, que também propõe a retomada e valorização dos vínculos afetivos.

o *Projeto Permanência: registro, memória e afeto* disponibiliza máquinas em praças públicas da cidade do Rio de Janeiro para escrita de poemas, cartas e outras formas de expressão, propondo explorar as máquinas como um objeto cuja potência é atualizada (Gonçalves, 2022).

De um ponto de vista político, a máquina de escrever vem se tornando, na acepção de seus entusiastas, um símbolo de resistência ante a intensa vigilância, invasão à privacidade, captura de dados e à lógica da previsão algorítmica, que ampliam as formas de controle e cerceiam a autonomia dos indivíduos. De acordo com Polt (2015):

independentemente do que criamos em nossas máquinas de escrever, sempre que recorremos a elas, estamos escolhendo algo que viola o paradigma digital - algo durável, íntimo, focado e autossuficiente. Nós nos rebelamos contra o totalitarismo do Regime de Informação (Polt, 2015, p. 10, tradução da autora).

Além das iniciativas mencionadas aqui, há inúmeras outras que vem sendo mapeadas pela pesquisa e que conformam um campo renovado de práticas em torno das máquinas de escrever, seja promovendo a interlocução entre música, literatura e *performance*, explorando a experiência das crianças com a datilografia ou valorizando a interação humana e direta em torno da arte sem a mediação da informação digital. Ao lado da insistente tarefa de “lutar contra a dispersão e o esquecimento” (Benjamin, 1995) que empreende todos os colecionadores, estas experiências modulam o que poderíamos chamar de uma etapa distinta na vida social das máquinas de escrever. Conhecê-la melhor permite-nos não apenas aprofundar em um dos capítulos da história da escrita, mas enriquecer o conhecimento que temos das complexas dinâmicas que envolvem, em cada particularidade histórica, o lembrar/esquecer, o guardar/desfazer-se (Melo, 2018), o perder/manter/renovar-se.

6 NOTAS CONCLUSIVAS: O RETORNO DO OBJETO NAS SOCIEDADES DIGITALIZADAS?

O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, em sua obra “Não-coisas: reviravoltas do mundo da vida”, afirma que um dos efeitos da intensa digitalização que vivemos hoje é desincorporação

do real, já que a ordem digital “descoisifica” o mundo ao informatizá-lo¹⁴” (Han, 2022, p. 11). Ao se tornar a cada dia mais informatizada, a realidade estaria ganhando um status menos palpável, menos tangível e, sobretudo, mais nublado e mais fantasmático, pois, valorizando o efêmero, a surpresa, a atualidade, a informação “é tudo menos o polo de repouso da vida” (Han, 2022, p. 14).

Para estabilizar a vida, uma outra política de tempo é necessária e, neste sentido, as práticas que demandam dedicação prolongada e, sobretudo, a permanência das coisas, a duração dos objetos e dos vínculos que nos ligam a eles e aos outros e que ultrapassam a lógica do consumo imediato são essenciais.

Seriam as máquinas de escrever capazes de interromper o fluxo da temporalidade hegemônica do presente, pautado na eficiência, na velocidade, na produtividade e na antecipação, revertendo as lógicas de aceleração do tempo e descontinuidade crescente entre o passado, o presente o futuro? É provável que não. Contudo, o que nos aponta a nova etapa da vida social das máquinas de escrever é que elas podem oferecer possibilidades outras de experiência da duração e da permanência, de concentração e envolvimento com o físico, de conexão entre corpo e consciência, memória e continuidade da vida, capazes de abrir fraturas no tempo presente, com reverberações para o futuro.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, A. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: EdUFF, 2008.

AZEVEDO, F. J. **Esclarecimentos sobre a máquina taquigráfica levada à Exposição Nacional pelo seu inventor, o padre Francisco João de Azevedo, no ano de 1861**. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1861. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervodigital>. Acesso em: 23 ago. 2023.

¹⁴ Afirma o autor: “Hoje nós corremos atrás de informações sem obter nenhum saber. Tomamos ciência de tudo sem chegar a nenhum conhecimento. Vamos a todos os lugares sem obter experiência. Nós nos comunicamos ininterruptamente sem participar de nenhuma comunidade. Armazenamos imensas quantidades de dados sem buscar memórias. Acumulamos friends e followers sem toparmos com outros. Assim, as informações desenvolvem uma vida sem constância e duração” (Han, 2022, p. 23).

BAUDRILLARD, J. **O Sistema dos objetos**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BENJAMIN, W. Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador. *In*: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas II**: rua de mão única. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DEBARY, O. **Antropologia dos restos**: das lixeiras aos museus. Pelotas: UM2, 2017.

GONÇALVES, J. R. Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios. **BIB**: revista brasileira de informação bibliográfica em Ciências Sociais, São Paulo, n. 60, p. 5-25, 2005.

GONÇALVES, L. **Projeto Permanência**: diretrizes. Rio de Janeiro, 2022, p. 1-2. Datiloscrito.

HAN, B. C. **Não-coisas**: reviravoltas do mundo da vida. Petrópolis: Vozes, 2022.

KOPYTOFF, I. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. *In*: APPADURAI, Arjun (org.). **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: EdUFF, 2008. p. 89-121.

LYONS, M. **El siglo de la máquina de escribir**. Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Ampersand, 2023.

LOPES, J. R. Colecionismo e ciclos de vida: uma análise sobre percepção, duração e transitoriedade dos ciclos de vida. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n.16, v.34, p. 377-404, 2010.

MARTINS, B. Guimarães; BERTOL, R. O que nos diz a máquina de escrever? Notas sobre um Brasil moderno. **Contracampo**, Niterói, v. 27, n. 3, p. 9-27, 2019.

MARSHALL, F. Epistemologias históricas do colecionismo. **Episteme**, Porto Alegre, n.20, p. 13-23, jan./jun. 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/periodicos/periodicos-1/episteme>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MELO, K. C. B. S. **Coleção e melancolia**: universos mnemônico-patrimoniais. 2018. 144f. Tese (Doutorado em Memória Social) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

MORIN, V. L'objet biographique. **Communications**. Paris, n. 13, p. 131-139, 1969.

PEARCE, S. M. **On collecting**: an investigation into collecting in the European tradition. New York: Routledge, 2013.

POMIAN, K. Colecção. *In*: **Enciclopédia Einaudi**: Memória – História. Ed. portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. v. 1, p. 51-86.

POLT, R. **Typewriter Revolution**: a typist's company in the 21st century. Taftsville: Countryman Press, 2015.